



# ENTRE/CULTURA

[www.correio24horas.com.br](http://www.correio24horas.com.br)



**Ronaldo Jacobina**

texto  
ronaldo.jacobina@  
redebahia.com.br

## Entre o azul do mar e o cor-de-rosa

### Casa Rosa Depois de um ano com eventos virtuais, charmoso espaço no Rio Vermelho abre as portas

Foram mais de quatro anos de reforma e de um cuidadoso trabalho de restauro, executados na calada e protegidos por um enorme tapume de alumínio. O belo casarão de estilo neoclássico – cuja fachada é decorada com vitrais belgas coloridos e ostenta no alto jarros e estatuetas em faiança portuguesa – foi erguido no começo do século 20 e pintado em tons de cor-de-rosa, tornando-se um dos símbolos do patrimônio arquitetônico que integra a paisagem da Praça Colombo, ali próximo ao Largo da Mariquita, no Rio Vermelho.

Esta semana, o casarão reabre suas enormes portas e janelas, descortinando a vista para o mar, que a partir de agora poderá ser apreciada por quem passa pela sua calçada de pedra portuguesa. Os tons do projeto original não foram apenas mantidos nas paredes, como batizam o centro cultural de Casa Rosa, que será inaugurado na próxima quinta, às 19h, com um show do cantor e compositor Mateus Aleluia e do maestro Ubiratan Marques, depois de um ano promovendo ações como shows, concertos e exposições virtuais.

Ao longo deste Verão, o espaço terá uma diversificada programação cultural que vai da música clássica à gafieira, passando por shows de artistas da música brasileira. Cantores como Jussara Silveira, Luciano Bahia e Lazzo Matumbi integram a grade de atrações do palco Viração, instalado na área externa da casa, banhada pelas águas do mar do Rio Vermelho.

O palco ganhou este nome por trazer a brisa que sopra do mar para o pátio, a ampla área aberta onde foi instalado, que é apenas um dos muitos agradáveis ambientes do espaço que conta ainda com teatro,

salas de ensaio e de concerto, bar, cozinha, galeria, foyer e praça com vista total para o mar.

Tudo projetado de forma a unir e adaptar cada ambiente ao que se propõe. Um exemplo é o Teatro Cambará, separado da Praça Viração por uma gigantesca porta de vidro que serve para isolar ou integrar um espaço do outro, permitindo experimentações diversas nos eventos ofertados.

#### PRESERVAÇÃO

O projeto arquitetônico, que leva a assinatura do escritório Rose & Fritz Arquitetos, privilegiou a integração dos espaços, resguardando materiais originais como o piso de madeira, que foi retirado, tábuas por tábuas, restaurado e reassentado respeitando os desenhos encontrados lá. Vale ressaltar os assoalhos de madeira nobre, arredondados e em dois tons que formam as belíssimas mandalas que revestem o piso do foyer.

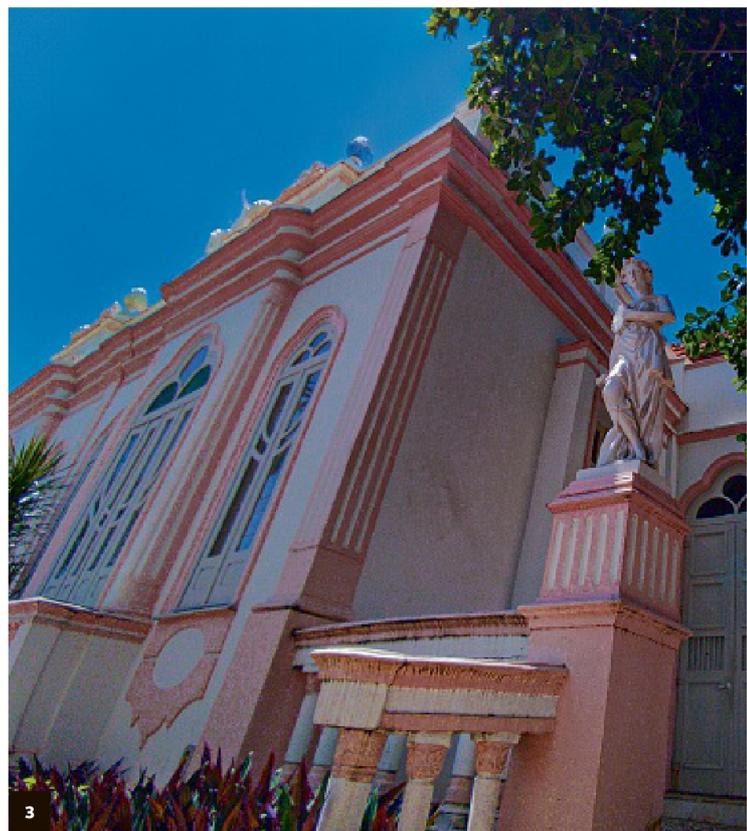
“Nossa preocupação era manter a originalidade do projeto, mesmo fazendo as intervenções físicas para atender às necessidades do projeto, cuidamos para que aquela áurea do começo do século fosse percebida pelo visitante e que, por outro lado, atendesse às necessidades do cliente”, explica a arquiteta Rose Lima, que é também responsável, em parceria com Patrícia Si Barreto, pela consultoria artística do centro cultural.

O cliente em questão é Zaba Moreau, diretora da Associação Viração, entidade sem fins lucrativos, criada em 2019, com o objetivo de promover arte, cultura, educação, e ações na área socioambiental. “Eu atuo há mais de quatro décadas nesta área, especialmente com captação de recursos, e quando vi que esta casa que eu sempre admirei estava à venda, decidi que aqui seria a sede da Viração”, conta a diretora da asso-

#### HISTÓRIA E GLAMOUR

No livro de Ubaldo Marques Porto Filho, publicado pela Associação dos Moradores do Rio Vermelho, em 1991, o construtor da casa, já chamada de Palacete Cor-de-rosa, foi o milionário Artur Palácio, que tinha uma vida social intensa e mandou fazer a mansão com 16 quartos, dois salões, salas para orquestra e jogos, para realizar bailes e saraus. A badalação, segundo o autor, acabou nos anos de 1930, quando Palácios vendeu o imóvel ao comerciante José Nasser Borges, que viveu lá com a mulher, sem filhos, até 1962.

Com a morte do casal, a casa teria ficado de herança para um sobrinho residente no Líbano, que a vendeu a um espanhol, que por sua vez a alugou para um restaurante, que durou pouco tempo. Em 1967, o imóvel foi adquirido pelo médico Mário Augusto Castro Lima, ex-ministro da Saúde, fixando residência com sua mulher Denacy que, após ficar viúva e sozinha, decidiu vendê-la a Zaba Moreau.



ciação, que tem na sua composição investidores da economia criativa que preferem se manter no anonimato.

Para Zaba, que é ex-mulher e mãe de quatro filhos do cantor e compositor Arnaldo Antunes, e que pertence à família Clemente Mariani, a proposta da Casa Rosa é oferecer ao público experiências. “Aqui iremos abraçar e ajudar a promover todas as linguagens artísticas, desenvolver ações socioambientais e dialogar com a cidade”, diz.

As experiências se estendem pela gastronomia. De janeiro a março deste ano, os chefs Gabriel e Rosa Guerra, do Larriquerri, serão responsáveis pela cozinha da casa, que ganhou o nome de Puxadinho Larribar, e vai oferecer um cardápio elaborado exclusivamente para o espaço. A cada domingo, durante a reali-

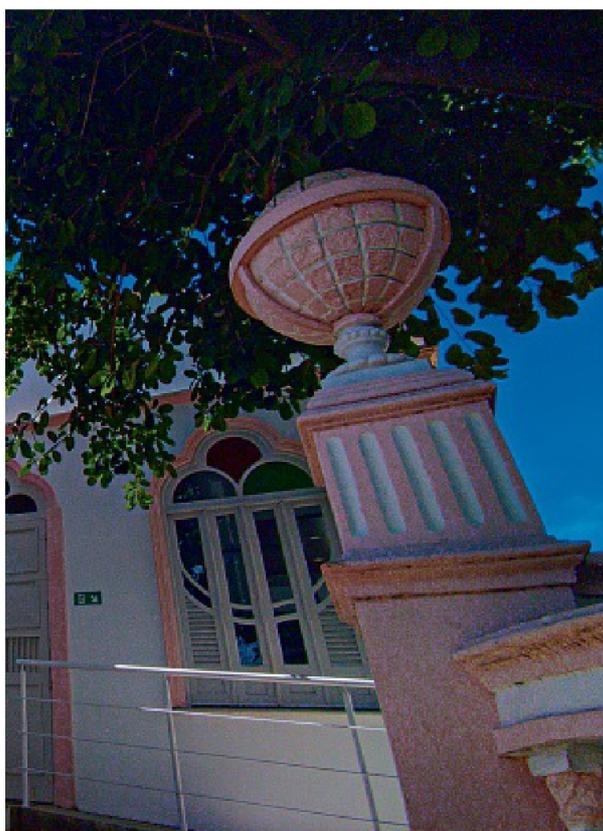
zação do Domingo na Casa Rosa, os chefs prepararão aquelas comidas que os baianos costumam oferecer aos convidados como feijoada e sarapatel, entre outras. Tudo embalado com boa música.

A proposta do espaço é funcionar de quinta a domingo, sempre com uma programação variada, que será distribuída por todos os cômodos da casa. Para além da agenda musical prevista, a Casa Rosa planeja ocupar seus espaços também com a produção virtual desenvolvida no ano passado, quando estava preparada para abrir as portas e teve que adiar por conta da pandemia. Nestes tempos foram realizados ali exposições, concertos, shows, gravações e outras atividades disponibilizadas nos canais virtuais da casa, que agora poderão ser conferidas in loco.





2



4

1 e 2 **Originalidade** Detalhes dos salões da Casa Rosa, que foi reformado pelo escritório Rose & Fritz Arquitetos, resguardando materiais originais como o piso de madeira 3 **Rio Vermelho** Localizado na Praça Colombo, próximo ao Largo da Mariquita, o belo casarão foi construído no início do século XX 4 **Espaço Cultural** Com teatro, salas de ensaio de concerto, bar, cozinha, galeria, foyer e praça com vista total para o mar, a Casa Rosa vai funcionar de quinta a domingo

## PROGRAMAÇÃO – JANEIRO

### ● SHOW DE ABERTURA –

**Matheus Aleluia com o Maestro Ubiratan Marques**

**20h** (Espaço aberto a partir das 19h)

**Data** 13/01

**Valor** R\$ 120 | R\$ 60, vendas pelo symlpa

### ● SARAU DA CASA ROSA – 21H (ESPAÇO ABERTO A PARTIR DAS 20H)

**Letieres Leite Quinteto – Homenagem a Letieres Leite**

**Data** 21/01

**Valor** R\$ 50 | R\$ 25, vendas pelo symlpa

**Data** 28/01

**Gafeira do Padre – Luiz Brasil & banda**

**Valor** R\$ 50 | R\$ 25, vendas pelo symlpa

### ● CASA ROSA EM FESTA

**Jussara Silveira & Luiz Brasil**

**Data** 22/01

**21h** (Espaço aberto a partir das 20h)

**Valor** R\$ 80,00 (inteira) e R\$ 40,00 (meia-entrada), vendas pelo symlpa

### ● LAZZO MATUMBI

**Data** 29/01

**Valor** R\$ 80 | R\$ 40, vendas pelo symlpa

### ● DOMINGÃO NA CASA ROSA

**a partir das 13h**

**Data** 23/01

**Mazzo e DJ Roger**

**Valor único** R\$ 100, com almoço, vendas pelo symlpa

**Data** 30/01

**Luciano Bahia e DJ El Cabong**

**Valor único** R\$ 100, com almoço, vendas pelo symlpa

## CRÔNICAS POR KATIA BORGES



✉ katiamacces@gmail.com

## Por enquanto

**NÃO EXISTIA ENTÃO NENHUMA PARA-FERNÁLIA VIRTUAL DE ACESSO AOS OUTROS, OS AMORES, AS BRIGAS, OS HUMORES, ERAM TODOS OLHO NO OLHO**

A experiência: cover da Legião no Parque da Cidade em 2017. Fui sozinha, não apenas desacompanhada. Sozinha mesmo. Lembro que o local estava escuro e bem cheio e que o vocalista era um ator. Não o maravilhoso André Frateschi, que eu assisti em 2015, em Itacaré, incendiar o palco com Marcelo Bonfá na bateria e Dado Villas-Lobos na guitarra. Tratava-se, na real, de um musical.

O ator Bruce Gomlevsky interpretava as canções e havia uma dramaturgia por trás com assinatura de diretor famoso, não que o espetáculo fosse ruim. Soube até que segue em cartaz por 13 anos, uma longa temporada só interrompida pela pandemia em 2019. Lembro de quando ouvi pela primeira vez o "álbum branco" da Legião e senti uma pegada meio Joy Division em algumas músicas.

Achei de imediato que a sonoridade da versão original de Por Enquanto – que seria regravação magistralmente por Cássia Eller em 1990 – remetia diretamente ao arranjo de She Lost Control. Opinião compartilhada pelo crítico musical Tony Aiex, do blog Tenho Mais Discos que Amigos!, embora ele não trace exatamente o mesmo paralelo em seus textos e inclua Será no pacote de influências de Ian Curtis.

É inegável que havia ali muito de The Smiths também, e de outras bandas do pós-punk que não eram tão próximas a mim, como a Gang of Four. Não, não quero escrever sobre Morrissey, que é como aquele amigo de adolescência com quem se tem agora diferenças irreconciliáveis. Quando Barata me deu de presente o vinil de Hatful of Hollow, eu já conhecia ao menos um verso deles.

Guilherme havia rabiscado à caneta em um guardanapo numa das mesas do lendário Café Teatro: "eu me visto de preto porque é assim que eu me sinto por dentro". Nos anos oitenta, nós dois andávamos frequentemente assim, vestidos de preto da cabeça aos pés. Não existia então nenhuma parafernália virtual de acesso aos outros, os amores, as brigas, os humores, eram todos olho no olho.

Então foi essa canção, Unloveable, lançada em 1986 em The Queen is Dead, que eu resgatei para mim bem nessa época do show cover/musical da Legião Urbana no Parque da Cidade. Localizado perto de onde moro, o parque foi reinaugurado em 2016 e se tornou um dos meus lugares prediletos, finalmente reformado e aberto, passagem entre duas comunidades socialmente dispare.

Eu costumava fazer longas caminhadas por suas alamedas, sombreadas por pés de Ipês, Olitis e até mesmo Pau Brasil, considerada a árvore-símbolo do país e dos nossos primeiros esbultos. De vez em quando eu parava de andar, para uma pausa e uma água, na Praça Confúcio, que tem no centro uma estátua enorme do mestre chinês. Doada em 2004 à Bahia pela China, veio diretamente de Shadong.

A primeira vez que escutei falar em Confúcio foi na infância, em um programa dos Trapalhões, no qual Didi fazia troça e se dizia discípulo. Tempos depois, ao ser abençoada com o conhecimento do I Ching, eu soube que foi justamente Confúcio que organizou parte dos ensinamentos contidos no Livro das Mutações e quem o batizou com esse nome. Naquela noite, o mestre chinês foi meu abrigo na solidão absoluta do Parque da Cidade. "Nem foi tempo perdido, somos tão jovens".

KÁTIA BORGES É ESCRITORA E JORNALISTA